

Este segundo número da revista **arq. urb** é marcado pela diversidade de abordagem que orienta cada autor no desenvolvimento de seu tema, a cidade como objeto principal - conquista de território, suporte para paradigmas de ocupação, invenção, memória, espírito. A cidade investigada, entrelaça indagações, estabelece pontos de confluência, recria elos e reorganiza conhecimentos, possíveis de serem traduzidos em intervenções em seu território.

As propostas de criação de solos – aterros conquistados ao mar – acompanham as soluções para melhoramento dos portos, desde o império. Vínculos possíveis entre essa solução e o regime de concessões a empresas de construção e exploração são investigadas por José Francisco Bernardino Freitas, em *Portos e o regime de concessões: construção, exploração e aterros*. O autor analisa extensa documentação dos planos propostos para os portos do Rio de Janeiro e do Recife, os principais à época. Em trabalho tanto minucioso quanto atento, identifica semelhanças e confrontos nos sucessivos pareceres e relatórios mas, surpreendentemente, menos controvérsia nas proposições de aterro, então entendidas como “solução “natural.

Transferir o espírito e a memória de uma cidade. Essa a ambição que orienta a transposição de Mazagão - fortaleza portuguesa fundada na costa marroquina no sec. XVI, para os territórios da América: a Vila Nova de Mazagão, na Amazonia do séc. XVIII. A cidade, então, é um conjunto sagrado, coesão de seus habitantes na defesa do espaço urbano em que vivem, há duzentos anos acossados por ataques mouros. No texto *Mazagão: cidades em dois continentes*, Paulo Assunção relaciona o conjunto de fatores envolvidos na odisséia extraordinária: desde a viagem dos 2000 habitantes à implantação do novo núcleo urbano na selva, similar em desenho à cidade original - quarteirões, ruas e praça - sob critérios de ordenação espacial atrelados à bases geométricas do conhecimento de engenheiros militares portugueses.

Sob outra perspectiva, o embate acerca das possibilidades da construção da cidade na América também conduz as reflexões de Luis Espallargas Gimenez .A elas dão suporte a análise dos projetos elaborados para dois núcleos urbanos - apoio a empreendimentos de extração mineral - encomendados, planejados e construídos, ambos em “terra virgem”: Serra do Navio, no estado do Amapá, e Caraíba, na Bahia,. A primeira no tempo é lida por Espallargas como uma solução segura da concepção moderna de que está imbuída e que preza, de modo incondicional; a segunda, resultado de decisões ora amparadas na tradição ora em matrizes distintas, reúne o turbilhão de inquietações do arquiteto que a concebe.

Os paradigmas da arquitetura e urbanismo portugueses em territórios colonizados são, novamente, objeto de estudo em *Arquitectura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974)*, de Ana Vaz Milheiro e Eduardo Costa Dias. O artigo aborda a ação do GUC, com sede em Lisboa, criado na década de 40 para centralizar as decisões oficiais referentes às diretrizes de projeto e à execução de obras nas colônias portuguesas, agora na África do século XX. A experiência em Bissau guia a análise ao longo da existência do órgão: a orientação pragmática interessada em imprimir um pensamento ordenador, que valoriza os aspectos técnicos da construção funcional, resistente, adequada às regiões tropicais e que, afinal, caracteriza uma arquitetura colonial; o percurso da contribuição dos arquitetos do GUC em Bissau, desde as obras com nuances historicistas às investidas de atualização, com projetos que incluem o repertório moderno.

Memória e cidade retornam embricados no artigo de Eneida de Almeida, *Metrópole e memória: a origem das práticas de conservação*. As formas de convívio social que os grandes centros urbanos criam, estimulam ou impõem são entendidas como um dos elementos propulsores de reorganização da memória coletiva. Nesse sentido, a necessidade de permanência de elos, vínculos entre as experiências vividas pelo cidadão e aspectos da cidade passada são abordados no texto a partir da análise, ao longo do tempo, do desenvolvimento das idéias e critérios acerca da conservação dos bens culturais.

Agora, a memória da cidade vivida está no registro das falas de seus cidadãos anônimos, protagonistas do artigo de Ricardo Greene, em *'Monstruos Urbanos', figuras cardinales de la experiencia cotidiana santiaguina*. A experiência da vida urbana que seus habitantes, majoritariamente, escolhem contar é aquela que a cidade nova - remodelada, modernizada - tenta excluir: personagens marginais, verídicos ou moldados, perambulam pelo território e, por si só, retratam, evocam o elo com a cidade que os comove ou amedronta.

A procura de vínculos entre territórios, espaços e culturas distintos orienta a construção de novos significados e percepções e a produção de Eduardo Aquino e Karen Shanski. Arte e arquitetura que pertencem, simultaneamente a dois mundos, exemplificadas em *spmb, 2 projetos*. Da memória reinterpretada das qualidades específicas das paisagens da pradaria e da praia, brota um jardim em Quebec: Plage, espaço público e lugar de encontro por excelência. O segundo projeto, *Flatbox*, abraça a transição entre espaço urbano e rural, e constroeu o lugar de mediação entre o horizonte, a luz, a vastidão das perspectivas e o próprio tempo, que as ruínas da pradaria informam.

Em formação é a nova seção da revista **arq.urb**, criada para veicular as indagações, idéias e produção da juventude que integra a Graduação em Arquitetura e Urbanismo dos cursos do Brasil, através da divulgação de TFGs, projetos premiados em concursos e pesquisas de Iniciação Científica. Inaugura com a publicação de dois trabalhos, distintos no enfoque, escala e abordagem, ambos voltados à cidade.

No texto *As formas de ocupação na fronteira urbana dos bairros ao redor do Centro de São Paulo*, Trabalho Final de Graduação apresentado à FAUUSP, Rodrigo Minoru Hayakawa Tanaka investiga o processo urbano atual que envolve centro e bairros fronteiriços, considerando o avanço do padrão da produção recente do mercado imobiliário, relativamente àquele que ainda predomina na área. Os elementos que retira da análise subsidiam um exercício de projeto que ampara a diversidade socio-cultural da área.

Brinquedoteca itinerante é proposta premiada dos alunos Alecsander Gonçalves, Daniele de Souza, Mônica Moreira da Silva e Vinícius Capella Gomes, do 4º ano do Curso de Arquitetura e Urbanismo da USJT, no Concurso Estudantil Iniciativa SOLVIN-2008. Solução interessada na difusão de espaços pela cidade voltados à recreação, educação e demais ações que contemplem as crianças carentes, explora como material as características do PVC e, como possibilidades de implantação, as áreas abertas das regiões menos favorecidas da cidade.

A produção aqui apresentada contribui, seguramente, para a ampliação da compreensão sobre a arquitetura e o urbanismo e para seu desenvolvimento.

Agradecemos aos autores que enviaram os artigos, aos professores e técnicos, cuja colaboração está refletida no segundo número da **arq.urb**.

Kátia Azevedo Teixeira

Paulo de Assunção